



No Rastro da Seca: trajetória da vida nordestina, da literatura para o vídeo, traçando paralelos entre o clipe *Segue o Seco* e as obras *Morte e Vida Severina* e *Vidas Secas*.¹

Autor: Érica Renata Gonçalves²

Universidade Metodista de São Paulo.

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo estabelecer paralelos entre o vídeo clipe *Segue o Seco*, de Marisa Monte, e as obras literárias *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Apesar de não haver informação sobre a inspiração dos diretores da obra audiovisual, Cláudio Torres e José Henrique Fonseca, nas obras literárias, as semelhanças são visíveis e por isso esta comparação se faz pertinente.

Palavras-Chave: Comunicação, Televisão, Música, Vídeo Clipe, Literatura

Abstract

This paper intend to establish a parallel among the video clip *Segue o Seco*, by Marisa Monte and the books *Morte e Vida Severina*, by João Cabral de Mello Neto and *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos. Although there is no information about a inspiration by the book of the vídeo directors, Claudio Torres e José Henrique Fonseca, the similarity is very perceptible and because of that this comparison become pertinent.

Key Words – Communication, Television, Music, Video Clip, Literature

¹ : Trabalho apresentado ao GT Audiovisual, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

² Formação acadêmica em Comunicação – Jornalismo; especialização em Língua e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo; mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, orientada pela Prof^a Dr^a Sandra Lúcia Reimão.



I - Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o vídeo clipe *Segue o Seco*, de Marisa Monte, sob o olhar literário, bem como traçar paralelos entre ele e as obras da literatura brasileira, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

A escolha das obras *Morte e Vida Severina* e *Vidas Secas*, deu-se pelo fato de serem as mais significativas narrativas sobre a vida no sertão e suas dificuldades já produzidas pela cultura brasileira. Além disso, as obras misturam a cultura literária com o folclore popular, retratando as crenças e a fé do sertanejo, como acontece no clipe.

II - Geração MTV

Introduzida no Brasil em 1990 pelo Grupo Abril, a Music Television, inaugurou um novo conceito de “ver” música e “viver” música. Com isso, o que era apenas um som, tornou-se um universo de imagens e cores.

Desde sua implantação a emissora passou a ser a referência da cultura Pop e jovem; o que e quem está na moda está na MTV.

Neste contexto, *Segue o Seco* foi um dos primeiros Vídeo Clipes produzidos no Brasil, com qualidade técnica e cultural. Dirigido por Cláudio Torres e José Henrique Fonseca e com fotografia de Breno Silveira, o clipe de 1995 mostra a dura realidade da seca nordestina.

As imagens fortes, reforçadas pela luz quente, figurinos que remetem ao Sertão Nordestino e o cenário ‘seco’, levam a uma viagem à realidade de milhares de brasileiros assolados pela seca.

A música escrita por Carlinhos Brown pode ser considerada uma poesia sobre a vida nordestina. O lirismo e a repetição de sons, especialmente do ‘s’ dão a impressão de secura e aspereza.



O crescimento da MTV e a produção, cada vez mais bem cuidada, de vídeo clipes no país provocaram também uma retomada do cinema brasileiro, sendo que as pequenas obras musicais servem como um laboratório visual para o cinema, sendo muitas vezes o primeiro passo para diretores iniciantes tornarem-se diretores de filmes.

III - Poesia para todos os sentidos

A boiada seca
Na enxurrada seca
A trovoada seca
Na enxada seca
Segue o seco sem sacar que o caminho é seco
sem sacar que o espinho é seco
sem sacar que seco é o Ser Sol
Sem sacar que algum espinho seco secará
E a água que sacar será um tiro seco
E secará o seu destino secará
Ô chuva vem me dizer
Se posso ir lá em cima prá derramar você
Ó chuva preste atenção
Se o povo lá de cima vive na solidão
Se acabar não acostumando
Se acabar parado calado
Se acabar baixinho chorando
Se acabar meio abandonado
Pode ser lágrimas de São Pedro
Ou talvez um grande amor chorando
Pode ser o desabotoado céu
Pode ser pouco meu amor

Composta por Carlinhos Brown e interpretada por Marisa Monte, a música *Segue o Seco* contempla quem lê e quem ouve; pode-se dizer que a letra, colocada por escrito, é uma poesia moderna, com a melodia e a voz da interprete é uma poesia para ser contemplada pela audição. A melodia traz sons nordestinos, como a sanfona, dando mais vida à composição.



As palavras usadas dão a exata impressão do que trata a música. O uso em demasia de palavras com ‘s’ e da palavra ‘seca’ propriamente, levam quem escuta a sentir a secura do sertão. O trecho a seguir ilustra esta tese:

Segue o seco sem sacar que o caminho é seco
sem sacar que o espinho é seco
sem sacar que seco é o Ser Sol

No vídeo, uma obra bem elaborada que fala por si, *Seca, Sol, Salvação* são descritos pelas imagens e reforçados pela fotografia quente, com iluminação dura e forte.

O telespectador pode “sentir” o que o sertanejo passa, a dureza da terra ressecada e partida, que se reflete na pele das personagens; a súplica a Deus pela chuva destacada no olhar dos trabalhadores rurais, que já não têm de onde tirar água para sua sobrevivência, entre outros elementos retratados.

Em determinados momentos, Marisa Monte aparece vestida com um conjunto de blusa e saia, de cetim azul celeste que remete à figura da Virgem Maria. O estilo do figurino é tipicamente nordestino, lembrando o figurino de uma festa religiosa típica, tradicionais do local.

Em cada detalhe a cultura sertaneja está contemplada; na cruz de oração cheia de velas, no figurino e estereótipo dos atores, na seca tanto da terra quanto da aparência das pessoas etc.

Umberto Eco, no artigo *Apontamentos Sobre a Televisão*³ escreve que a Televisão mantém uma relação com seu público exibindo sua programação em horários determinados. O autor ressalta ainda que o meio sabe que pode determinar o gosto do espectador, sem ter que se adequar a ele.

Eco vê a TV como um meio que:

“Pode oferecer efetivas possibilidades de ‘cultura’, entendida esta como relação crítica com o ambiente. A TV será elemento de cultura para o cidadão das áreas subdesenvolvidas, levando-se ao conhecimento da realidade nacional e da dimensão ‘mundo’ (...)” (ECO 1979, p. 351)

³ Artigo contido em *Apocalípticos e Integrados*, 1979, p. 325



Neste caso, o do vídeo clipe como suporte para a literatura, a inserção dele na programação da MTV coloca a disposição de uma grande parcela da população elementos da cultura brasileira em vários níveis: musical, visual e literário.

A intertextualidade, pensada ou não, com as obras *Morte e Vida Severina* e *Vidas Secas* fica evidente durante todo o vídeo clipe e será mais bem exposta a seguir.

IV - Intertextualidade

Apesar de não haver menção de que o diretor do clipe tenha usado qualquer das duas obras literárias aqui estudadas como base para sua produção, os paralelos entre elas são inúmeros.

A primeira frase da música, *A boiada Seca*, é retratada no clipe pela imagem de uma ossada de boi e não por um animal magro, mostrando que a seca não apenas castiga, mas sim extermina os que nela habitam. Em *Vidas Secas*, a narrativa aponta o mesmo fato:

“A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas.” (*VS p. 10*).

Outros paralelos que podem ser traçados entre o clipe e o romance de Graciliano Ramos são os personagens mostrados no vídeo. Logo no início são mostrados dois meninos, um mais velho que o outro, brincado com os ossos na terra seca, que remetem aos filhos de Sinhá Vitória e Fabiano. Outro personagem poderia, apesar da idade mais avançada, ser comparado ao próprio Fabiano, um homem magro, com a pele seca e queimada de sol, barba e olhos claros, que é mostrado em *Segue o Seco* sempre desempenhando algum trabalho.

A música continua, narrando, de certa forma, a saga do retirante, que caminha por trilhas secas, à procura de uma vida melhor. (*Segue o seco sem sacar que o caminho é seco...*) e lembra a caminhada de Severino, de *Morte e Vida Severina*:

“Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina



e no verão também corta,
com pernas que não caminham.” (MVS)

As duas obras literárias, bem como a música e seu vídeo clipe, foram produzidas durante o período pós-moderno e refletem em seus personagens o sentimento desta época. Domício Proença Filho, em seu livro *Pós-Modernismo e Literatura*, disse sobre isso:

“Frustrado diante da realidade presente, sem esperanças de futuro, o homem contemporâneo parece ter assumido a passividade do conformismo, a busca nostálgica do passado e a ilusória assunção dos signos ideologizados, sobretudo aqueles com que o alimentam os aparelhos de televisão.” (PROENÇA FILHO 1988, p. 35)

Neste contexto podemos dizer que o clipe, mais do que a própria letra da música, mostra a realidade Nordeste, poetizada, mas real em sua essência. Trazer a tona a intertextualidade entre o vídeo e as obras literárias pode ser uma maneira mais prazerosa de levar à leitura dos textos integrais. E, se levarmos em consideração o texto de Antônio Candido, *O Direito a Literatura*, pode-se dizer que a própria obra musical e visual são obras literárias:

“Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde que o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO 1995, p. 242)

Assim, o clipe mostra diversas manifestações culturais típicas do agreste e de seus habitantes, começando pelo já observado figurino da cantora, que remete a roupa da Virgem Maria.

Sobre a cultura brasileira, Alfredo Bosi (1987) escreve que a pluralidade e diversidade da mesma é que dá seu tom diferenciado. Para o autor, as manifestações populares quando refletidas no que chama de “show alucinante montado por esta gigantesca fábrica de sombras e revéberos chamada civilização de massa” podem parecer caóticas, porém devem ser classificadas como plural.

Bosi (1987) fala ainda em *tempo cultural acelerado* (grifo do autor) que fazem com que os signos sejam rapidamente substituídos, especialmente na TV e que este problema não é técnico do meio de comunicação, mas sim na urgência da substituição.



A religiosidade é um traço presente também nas outras obras, sendo que é um traço muito marcante na vida nordestina, desde suas festas em homenagem aos Santos, até sua devoção diária, como se vê nos trechos a seguir:

“Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte” (VS p. 17)

“Será novena de santo,
Será algum mês-de-Maria;
Quem sabe até se uma festa
Ou uma dança não seria?” (MVS)

A religião surge como único alento nos momentos mais difíceis. Candido (1995) salienta que são as crenças e sentimentos de cada sociedade que cria a literatura típica daquele povo e que isso fortalece a identidade cultural daquela comunidade. O autor continua dizendo que a literatura satisfaz necessidades básicas do ser humano, enriquecendo a percepção e a visão de mundo.

Sobre isso podemos ressaltar em *Vidas Secas* a lembrança que a família de Fabiano tinha sobre um antigo vizinho, ‘seu Tomás da bolandeira’, que era um homem culto e por isso tinha o respeito de todos.

A primeira observação sobre ele é que a sabedoria acadêmica de Tomás não servia de nada:

“Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: - ‘Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.’” (VS p. 22)

Mais adiante, porém, o vaqueiro se encontra preso e como não sabe falar direito inveja seu Tomás:

“Havia muitas coisas. Ela não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás as bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada.” (VS p. 33)

A problematização na obra sobre a necessidade ou não do saber, de ler como um modo de aumentar a capacidade intelectual vai ao encontro ao que Candido (1995)

relata em seu escrito, quando diz que geralmente a literatura e a cultura é relegada ao segundo plano em detrimento da necessidade de sobrevivência, mas não seria a educação também uma questão indispensável para a vida?

Graciliano Ramos (2005), mostrando as dificuldades sofridas pela família, que não conversa, não entende palavras básicas (como o menino mais velho que não sabe o que significa a palavra inferno p. 55) e não sabe se explicar em momentos difíceis. Com isso ele transforma *Vidas Secas* numa obra engajada em mostrar a realidade e o pensamento do sertanejo.

Ou seja, quando Fabiano se julga como sendo um bicho e não um homem, ou quando descreve que seus filhos serão como ele, já que ele é como pai, que era como o avô, ele se coloca numa posição imutável, onde a dura vida na seca nunca será diferente.

O discurso utilizado nas três obras, que evidencia a falta de recursos durante a seca, a religiosidade e a simplicidade do povo sertanejo é o que a autora chama de discurso competente, ou seja, é o discurso autorizado para o assunto, aquele que é ideologicamente aceito. Segundo ela a cultura de massa não deixa margem para o pensamento individual e a veiculação desta idéia por meio do clipe é uma forma de massificar a visão sobre o Nordeste e seu povo.

Bossi (1987) escreve ainda que em meio a revolução do mercado cultural imposta pela *mass media*, a cultura “superior”, ou seja a literatura, procura se resguardar, mantendo a liberdade interior pela qual cria e critica.

O uso de termos típicos no sertão, como o próprio nome *Severino*, que em *Morte e Vida Severina* serve para falar de todo o sertanejo, é o que Lyotard (2004) chamaria de “lances de linguagem”, o que, segundo ele, institui o vínculo social.

Para Lyotard (2004), o saber seria um conjunto de enunciados que denotam ou descrevem objeto. Neste contexto, o enunciado é a vida na seca e em se tratando do vídeo clipe, o contexto de enunciação é a televisão, então fica evidente que a imagem é o elemento mais marcante.

Em outro escrito de *Apocalípticos e Integrados*⁴, Eco (1979) fala sobre a linguagem musical radiotelevisiva e ressalta que a matéria radiofônica quando

⁴ A Música, o Rádio e a Televisão, páginas 315 - 323



transportada para a TV e acrescida de elementos visuais cria uma nova linguagem, e um novo sentimento na audiência de música.

Nas obras *Vidas Secas* e *Morte e Vida Severina*, apesar do texto ser escrito e da ausência de figuras, a descrição feita pelos autores faz com que seja impossível não visualizar o que está sendo narrado.

A intertextualidade entre três gêneros distintos (o romance de Graciliano Ramos, a poesia de João Cabral de Mello Neto e a música de Marisa Monte), ressalta que a narrativa está presente em todas as manifestações.

Este argumento pode ser usado para provar a necessidade da linguagem e da literatura para a ampliação da comunicação na vida cotidiana.

V - Considerações Finais

Fica claro, apesar de não haver menção oficial a este respeito, a intertextualidade entre o vídeo clipe da música *Segue o Seco*, escrita por Carlinhos Brown e interpretada por Marisa Monte e as obras literárias *Morte e Vida Severina* e *Vidas Secas*.

Em outro clipe, o da música *Amor I Love You*, Marisa Monte usa como base para um trecho da produção a obra *O Primo Basílio* de Eça de Queiroz, dando indício de que talvez a semelhança com a literatura de *Segue o Seco* não seja mera coincidência.

Apontamos alguns paralelos observados, mas os aspectos em comum vão mais além. O uso de intertextualidade, pode ser uma ferramenta útil para o ensino da literatura para adolescente, já que a MTV e conseqüentemente a linguagem do clipe são, sem dúvida, uma das formas mais populares de expressão atualmente.

É importante ressaltar que o paralelo traçado entre as três obras escolhidas para este trabalho poderia se estender por inúmeros relatos da vida sertaneja já produzidos, mas a brevidade do trabalho obriga ao afunilamento do estudo.

Outros pontos em comum entre o vídeo e as obras literárias, bem como outras obras, podem ser objetos de estudo para outros trabalhos.

Referências



BOSSI, Alfredo. *Plural, Mas não Caótico, Cultura Brasileira: temas e situações*, São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Vário Escritos**. 3ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrado**. São Paulo: Perspectiva, 1979

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2004.

MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. Disponível em www.navedapalavra.com.br. Acessado em 20 de fev. 2006.

MONTE, Marisa. **Segue o Seco**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=1q277fm4Fv0>. Acessado em 11 de abril 2007.

PROENÇA FILHO, Domício. **Pós-Modernismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1988.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 97ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.